

FRAGMENTOS IDENTITÁRIOS: uma (des)construção das imagens de nação nas crônicas do “Macaco Simão”

Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos Santos (UFMG/Centro Univ. Newton Paiva)

As tentativas de criar uma identidade de nação datam dos primeiros passos nas areias brancas e desertas das praias na Bahia, quando chegaram aqui, há 505 anos atrás, apressados e aventureiros portugueses que se encontraram com índios dóceis e receptivos. Do descobrimento até hoje muita coisa aconteceu e muitas histórias se fizeram contar. E como num “samba do crioulo doido”, pode-se detectar o processo de formação cultural da nação brasileira. Foi, contudo com a vinda dos navios negreiros cheios de escravos da África que o Brasil entra em ebulição e dá-se o início de nossa formação. A partir de então, duas coisas até hoje não mudaram: o hibridismo cultural, a nossa evidente e incontestável habilidade em absorver as diversas culturas, transformá-las e adaptá-las à maneira brasileira. Mas, os problemas da identidade cultural do Brasil, efetivamente começaram a ser estudados pelas Ciências Sociais no século XIX. A investigação sobre a identidade de nação a que se propõe este trabalho, longe de trazer respostas ou conceitos fechados, procura abrir espaços para reflexões, não só teórico-metodológico, mas como atuação efetiva no que concerne pensar a construção de nossa identidade. Nessa perspectiva, poder-se-ia começar com alguns questionamentos que perpassam toda a pesquisa: Como reconhecer uma identidade nacional quando não se percebe uma preocupação coletiva no nosso modelo social e em que as relações humanas continuam desiguais, assimétricas? O que seria pensar a construção da identidade de nação diante de um “desmanche do estado”? Tomando aqui como conceito de “desmanche de estado” uma era em que o Estado-nação da modernidade já cedeu seu espaço para o capital. Uma outra questão seria perguntar o que poderia representar a nação num modelo social descentrado, dilacerado? Também indagar sobre a identidade de nação diante da perda da memória de uma sociedade alienada. Uma sociedade que não consegue fazer de si própria uma leitura crítica.

Para o pesquisador, torna-se perceptível a dificuldade de trabalhar a questão da identidade dentro de uma sociedade complexa como a brasileira. Estudiosos despendem esforços para traçar aspectos de uma brasilidade, articulando os enunciados que fornecem subsídios para o processo de construção da identidade. Ressalta-se o termo processo, por entender a construção da identidade como algo que está sempre se construindo e em constante deslocamento. Toma-se emprestado o termo usado por Stuart Hall (1999), “identidade em trânsito”, para compreender que, apesar do texto de Simão trazer aspectos de um projeto de nação (o que remete à modernidade), também, apresenta ícones de uma nação cuja identidade, numa concepção contemporânea, está em constante deslocamento, como bem observa Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.(p. 13).

Assim, também, se pode pensar a identidade de nação, uma vez que a construção da identidade do sujeito tem a ver com sua inserção na sociedade e interfere nela de forma dialética. Não se pode abandonar a idéia de que cada indivíduo ou grupo social produz o

próprio sistema de construção da identidade. É preciso considerar a subjetividade plural e polifônica, ampliando o conceito de subjetividade de forma que perceba suas implicações sociais e culturais. Dessa maneira, torna-se necessário primeiro romper com a visão positivista e unificadora, segundo a qual a construção da identidade era vista de forma simplista, ocultando os “agenciamentos” que interagem na sua construção social.

Para se entender o momento contemporâneo, talvez fosse necessário fazer uma retrospectiva histórica. Como se pode constatar, nos anos 20 deu-se início a um movimento em prol de uma literatura tipicamente brasileira. O Brasil passava por um contexto de modernização e industrialização. O momento era de revisar nossos conceitos de identidade. Dessa maneira, os intelectuais da época sentiram necessidade de legitimar e participar da construção do novo país. A literatura voltou-se para o papel de reinterpretar nossa cultura, reavaliando o passado colonial e a partir dele traçar novos valores para o “Brasil moderno”. Havia acima de tudo, uma proposta nacionalista. Gilberto Freire surge, então, com o *Casa Grande & senzala*. Uma das propostas dessa obra é substituir o conceito de raça pelo de cultura. O conceito de raça traz embutidos valores que colocam o negro como uma raça inferior. Até hoje ainda persiste esse conceito como evidencia uma das crônicas do Simão: “Eu acho um desaforo esse livro americano A Curva do sino que diz o Q.I. dos negros é inferior ao dos brancos”.¹ (01/11/94), resmunga o macaco, em diálogo com Freire. A valorização do negro, do mestiço, foi lembrada por Mário de Andrade, em *Macunaíma*. Essa obra proclama que a originalidade e a riqueza brasileira provêm exatamente da multiplicidade de suas raízes.

A questão da miscigenação em *Casa Grande* também é apontada de forma não preconceituosa. O mulato e o cafuzo, em *Casa Grande*, passam a representar a cultura brasileira, que tem por formação o hibridismo. Muitas vezes, essa obra é criticada por retratar o Brasil de forma idealista, como mostra o prefácio de sua nova edição, escrito pelo ex. presidente Fernando Henrique Cardoso: “... *Casa-grande & senzala* eleva à condição de mito um paradigma que mostra o movimento da sociedade escravocrata e ilumina o patriarcalismo vigente no Brasil pré-urbano-industrial.” (FHC in: FREIRE, 2004 p.21). Num texto que oscila entre o elogio e a crítica, Fernando Henrique registra seu olhar de sociólogo e fala do lugar de uma elite brasileira, cujo discurso todos já conhecem. *Lugar* esse, criticado pelo macaco: “Se eu quiser falar com Deus. É comigo mesmo, é comigo mesmo, gritava o FHC. (29/12/94) E eu já sei o que quer dizer FHC: Festival Henrique Cardoso. Que assola a mídia. Só dá ele...” (16/11/94).

Na verdade, uma outra leitura de *Casa Grande* se faz pertinente, pois existem, nessa obra, denúncias como a subjugação dos menos favorecidos, os desmandos próprios do sistema patriarcal, o menosprezo pelos indígenas e pelos negros. Apesar de toda crítica, *Casa - Grande* se reafirma como uma das obras fundacionais da nação, sendo relançada durante a comemoração dos 500 anos. Na modernidade, o discurso sobre a nação apropriava da cultura como fonte de significações, tendo a partir daí um foco de identidade e um sistema de representações. As narrativas de nação repletas de símbolos, eventos, tradições, enfatizavam as origens. Através dos mitos fundadores revitalizavam a nação. O que moveu a modernidade é a racional construção do progresso e a utopia. Isto é, topos=lugar utopia=lugar sempre à frente. *Ordem e Progresso*. Conceitos positivistas que vão construir a nação a partir de um paradigma do avante, do novo, passam agora a serem substituídos pelos princípios de reciclagem, de retomada da história. Os modelos metropolitanos de centro cedem espaços a uma espécie de consciência periférica, formando sociedades periféricas de raízes ocidentais, especialmente economicamente falando.

Mais tarde, numa fase triste de nossa história, a ditadura tentou suscitar no brasileiro o

amor à pátria, cantando na copa de 70 *eu te amo meu Brasil*, e apesar de tudo, o brasileiro cantou em tom uníssono esse hino. O estímulo à auto-estima reaparece agora, num momento apesar de crítico, bem mais democrático, na campanha anunciada por Lula. Comenta o macaco: “E tô adorando a campanha do Lula: Sou brasileiro e não desisto nunca! ”Devia chamar o Rubinho para fazer a campanha...”(08/09/04). “E acaba de sair a nova campanha patriótica do governo: “O melhor do Brasil é a brasileira, sou mulherengo e não desisto nunca.”(22/09/04). Nesses trechos, o macaco ironiza a nação ao repetir idéias estereotipadas. A mulher brasileira aparece de forma idealizada, revisitando valores de nossa formação, como bem relata Freire, comentando a exuberância das índias e as redondezas afrodisíacas do corpo das negras. O momento atual é de pessimismo, e sentindo essa descrença o presidente Lula tenta através da publicidade provocar um sentimento de patriotismo capaz de substituir a imagem negativa, construída por causa das dificuldades pelas quais se tem passado o país. Assim, também, numa tentativa de amenizar um pouco os problemas da nação, é recorrente os jornais e a mídia divulgarem com ênfase e emoção nossas vitórias. Cita-se Clara Arriguy em seu artigo “Viva o povo brasileiro” (intertextualidade com Darcy Ribeiro), quando comenta a apresentação da ginasta Daiane dos Santos:

A reconstrução da auto-estima nacional levou anos, passou do esporte à política, implicou meticolosos rearranjos na relação entre fê e participação popular, entre institucionalização da militância e fortalecimento das instituições. (...) Para os novos tempos foram surgindo novos rostos, novos guerreiros, com suas características peculiares, únicas. No esporte, na arte, na política, na cidadania sem partidatismo. O brasileiro vem aos poucos (re)descobrimdo sua identidade, vendo-se no espelho das realizações e vitórias. É processo longo e nem sempre linear. Há movimentos de ida e vinda, perdas e ganhos, decepções e vitórias.(...) (02/04/05).

Assim, o estudo da nação através de suas manifestações culturais não significa percebê-la apenas por sua língua e sua retórica, mas também por toda e qualquer prática através da qual se constrói o campo de significações, associadas à vida nacional. As culturas nacionais produzem sentidos sobre *a nação* com os quais podemos nos identificar, construindo identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas, formando imagens que despertam o sentimento de pertencimento nos seus cidadãos.

Nesse sentido, a cultura nacional se manifesta como discurso. A nação como um sistema de representações culturais se configura como uma narrativa. Ler a nação através de suas narrativas seria articular os discursos que evidenciem a heterogeneidade cultural da sociedade brasileira. Sabe-se pelos estudos de Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, que a língua possui um caráter dialógico e a enunciação é um diálogo. A natureza dos signos no movimento de *retratar e refratar* encerra em si as interações verbais dos indivíduos e das comunidades de forma dialética, denunciando os discursos historicamente internalizados. O discurso então se constitui polifônico por ser atravessado por diferentes formas de pensar de acordo com a sua relação com o social/ideológico, manifestado no ato de enunciação. Essa instauração do dialogismo, o *Eu* em relação com o outro e com o meio, edifica o discurso, e aqui neste estudo, o discurso de nação. Numa tentativa de dar cara ao Brasil, mapeia-se, através das histórias contadas pelas crônicas os signos de uma possível brasilidade: “E um amigo me escreve dizendo que “se o Ramos, que

levou R\$ 1,3 bi, é laranja, que fruta eu sou que ralo o mês para embolsar 500 paus? Otário! Rarará! É uma fruta nova que tá dando agora no Brasil: otários brasileiros.”(13/03/97).

Nesse enunciado, o macaco fala das contradições de nossa sociedade e sarcasticamente tenta classificar o que sente o trabalhador brasileiro que precisa sobreviver com seu mísero salário, enquanto outros roubam descaradamente. De fato, em muitas crônicas o macaco denuncia a corrupção, os abusos, a negligência dos políticos. Parece que a intenção é de alertar a população sobre sua memória curta, que esquecendo dos maus governos passados, tornam a votar nos mesmos candidatos, contribuindo para a decadência do país. “E o FHC diz que acabou a era Vargas. Só que o Rolls Royce da posse é o mesmo do tempo de Getúlio. A Era Vargas não acabou!” (29/12/94). Isso facilita uma certa ciranda de políticos, e faz com que esses agentes se perpetuem no poder. Ao criticar essa situação diz o macaco a respeito do ministério de FHC: “Novo ministério? Aqueles ministros são mais carimbados que selo olho de boi. O original.” (23/12/94). Entra governo sai governo nada muda. Ninguém se lembra em quem votou e muito menos como foi a atuação do indivíduo durante seu mandato. Nesse mesmo tom irreverente, o macaco critica os políticos e suas ações: “E um taxista me disse que o Maluf não (...) é ouro em salto ornamental, mas em salto orçamental.”(21/08/04). Se segura FHC! Os painhos já vieram cobrar as promissórias. O Grande Pai Branco ACM e o Grande Pai da Roseana baixam em Brasília. Com tudo! Como se estivessem chegando na capitania hereditária.”(24/11/94).

Basta fazer uma retrospectiva da história política do Brasil para perceber o continuísmo se dá por pequenos grupos que se eternizam no comando da nação. Numa falsa idéia democrática, a descrição do quadro da política no Brasil transita dessa elite manipuladora para o outro lado, caracterizado pelo candidato simplório estereotipado pelo nome esdrúxulo adotado nas campanhas: *Toninho do Burro, Zé do Bod, João Trânsito, Juvino Corninho, Antônio Lingüiça, Xico Bomba, Sônia Perereca, Batton da Batacada, Zezé Zueira, Ceguinho Pé quente, Napoleão dos Bonés, Tião da Ambulância*, etc. A sátira implícita na coleta dos nomes desses candidatos demonstra um certo descrédito, numa revelação clara de decepções e frustrações quanto à política no Brasil. E o macaco continua sua crítica: “E o melhor ainda fica para o candidato de Aracati: Com a minha fé e as fezes de vocês eu vou me eleger.”(24/09/2004). “Deputado recebe espírito no congresso. Só pode ser espírito de porco!” (30/10/2004). “E os irmãos Bacalhau dizem que o Brasil é o país das medalhas. Das medalhas de Santo Antônio, Santa Inês, São Judas Tadeu.”(28/08/2004) “Brasileiro é ouro em acender velas.”(24/08/2004). Os santos católicos evocados nesses trechos retratam o sincretismo brasileiro. A nação é reconhecidamente uma nação de fé. Mas, enfatiza-se que a heterogeneidade cultural também aparece nas crenças brasileiras. A fé católica, o candomblé, o espiritismo convivem demarcando o espaço híbrido. Nesses enunciados, pode-se constatar uma tendência à desestruturação do discurso de uma elite senhorial, autoritária e conservadora, criadas a partir dos padrões culturais europeus. Como numa paródia os valores dessa sociedade dominante são questionados pelos discursos dos candidatos simplórios e ainda arrematados pela credence brasileira, corroborando a visão de um Brasil atrasado, colocado à margem da *Ordem e Progresso*. Como resultado de um projeto moderno de nação que toma rumos totalmente incontroláveis, surge a violência, desencadeando um sentimento de desamparo e de desequilíbrio. Os cidadãos brasileiros das periferias precisam administrar continuamente a violência à qual estão submetidos pela falta de estrutura social. A denúncia, nesses textos, encontra-se explícita e literal, às vezes metaliterária: “E já tem seqüestrador seqüestrando seqüestrado de outro seqüestrador. É o metaseqüestro. Socorro!”(27/11/2004); “E o

seqüestro está tão banalizado que o meu vizinho botou a placa: Alugo quarto para cativoiro”. (10/08/04). Instigado, pois, a pensar na tensão que circunscreve esse espaço e, pensando, também, nos deslocamentos e inquietações de suas personagens, José Simão reproduz no fazer literário o social esgarçado pela exclusão e pela violência: “Bomba! Mangueira ocupa o exército!” (23/11/94). Percebe-se uma ambigüidade nesse enunciado. O verbo ocupar, estrategicamente escolhido, permite duas leituras: ocupar com o sentido de dar trabalho e ocupar com o sentido de apoderar-se. Muitos têm comentado a banalização da violência no Brasil. Dessa maneira, também denuncia o macaco: “Um traficante já disse que como eles têm que pagar os fornecedores, vão começar a assaltar banco.” (02/11/94). “E já tem gangue da batida, a gangue da lombada, a gangue do caixa eletrônico, a gangue da Marginal! Daqui a pouco não vai ter mais vítimas. Só bandidos.”(17/12/97).

A denúncia à violência sugere um apelo para que alguma providência seja tomada a fim de impedir um movimento crescente da violência que levaria ao insuportável. Os descompassos nacionais estão estampados na paisagem das favelas: “Mais um capítulo da novela ‘O Exército sobe o Morro’. A triste foto de dona Zica na porta da Polinter. Antes só saía foto da Dona Zica preparando deliciosas feijoadas”. (24/11/94). “Aliás, diz que o révillon do Rio não vai ser branco. Vai ser verde. Do exército. Revillon camuflado. E do paulista révillon engarrafado.”(29/12/94). Apesar da esperança nas conseqüências positivas do processo de modernização, o que se vê é o atraso das comunidades periféricas. Até mesmo o sistema institucionalizado do país é desmoralizado, como fica evidenciado neste enunciado: “E diz que a próxima missão da polícia Federal é invadir centro de umbanda pra prender quem tá matando frango pra fazer macumba.”(27/10/04). A desmoralização do poder institucionalizado da nação, apontado pelo exemplo citado, mostra um Brasil na contramão dos processos ideais de modernização.

Como agravamento da situação, uma política de subserviência fundada na vassalagem leva as classes dirigentes a desviar o que seria investido em educação, moradia, saúde, reforma agrária e desenvolvimento social para pagar uma dívida infundável ao FMI:

E ontem foi dia da independência! Independência ou morte! Mas do jeito que a gente deve pro FMI é Independência ao Norte! (08/07/2004). E o Don Doca FHC se comparou a José Bonifácio, o patriarca da independência. Mas, com o FMI na porta, o FHC é o Patriarca da Dependência! (17/11/98).

Em comemoração do dia da independência, o “macaco” denuncia o lugar de país colonizado, subdesenvolvido e a postura de submissão ao processo de dominação do mundo capitalista. Em outra crônica, a denuncia se estende à questão da corrupção, mostrando um certo descrédito quanto a uma possível moralização da política no Brasil: Nada de CPI. CPI ta por fora. CPI acaba sempre numa pizza luxuosa!” (22/11/95) E acaba de sair um slogan do SUS: “SUSpende e manda uma pizza”(24/09/04). Percebe-se que subsiste um sentimento de impotência e frustração, permanecendo uma certa apatia, que origina uma cultura do *deixa pra lá*, porque tudo *acaba em pizza*. Essa expressão muito usada entre os brasileiros reporta a uma descrença. O descrédito, por sua vez, não é simplesmente algo contingencial, pois retrata o lugar de dominado, culturalmente enraizado pelo processo colonizador, deixando resíduos na conduta social brasileira.

O esvaziamento da esperança de um país melhor, contido nesse enunciado, aparece no tecido social como também no discurso das crônicas. O macaco satiriza as histórias da nação, às vezes de forma exacerbada, que acabam dando a falsa idéia de uma conciliação pacífica das divergências. Nesse sentido, o texto parodisticamente apela para o sexo-humor-erotismo. Essa trilogia é usada como uma “panacéia”, propiciando uma leitura contemporânea da nação brasileira com raízes na sua formação: o gosto explícito em sexualizar e erotizar, de forma hilária, várias atitudes do comportamento social do brasileiro. As crônicas tecem ponto a ponto o mosaico da composição identitária cultural, como a vocação para o riso, a troça, a galhofa, a farra, a piada, a pilhéria, o chiste, a galhofa, a lorota, a conversa fiada, a chalaça picante, a gabolice, a bazófia, a mentira, a patranha, a goma, a potoca, a fanfarrice, a alegria, o contentamento, a satisfação, o prazer e o gozo pela vida. Abundante nos textos do cronista, essa tendência literária de Simão tem suas origens pesquisadas por Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*. Freire menciona essa faceta dos portugueses de quem herdamos que é a obsessão pelo amor físico e pelas piadas sobre o tema. “...surpreende o fato de não haver, talvez, nenhum país onde a anedota fescenina ou obscena tenha maiores apreciadores...” (p. 250). De fato, também somos o país da piada pronta lembra Simão, contando: “Sabem o que tem vinte centímetros, cinco de largura e deixa as mulheres loucas? Dinheiro”. (25.09.04), pergunta e responde garantindo ao leitor, no mínimo, umas boas risadas. Também é de Freyre, a constatação sobre o negro que aqui chegou, “um tipo extrovertido, fácil, plástico, adaptável...” (p.287) de quem herdamos, talvez, o que temos de melhor. Sem dúvida, essa imagem do brasileiro tem suas origens seculares, resultantes também da miscigenação sexual entre índios, portugueses e negro. Em *Grande e Senzala*, “As mulatas de pendor sexual que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu a primeira sensação completa de homem”, (p.283) são lembradas como *símbolo* de orgulho nacional, festejadas e consumidas como produto tipo exportação pela literatura, publicidade e outras mídias. Ironicamente, foi a escravidão que injetou esse erotismo, pois não há escravidão sem depravação, conclui Freyre em seu famoso tratado antropológico, *Casa grande e Senzala*. Ao fazer interessante reflexão sobre o comportamento sexual do brasileiro no século XVIII, cita uma fala publicada no Diário de Pernambuco, do Padre Belchior de Pontes, bispo do Pará, que compara nossa promiscuidade sexual à promiscuidade dos costumes deste país, remetendo aos subúrbios de *Sodoma e Gomorra*. Entretanto, é bom lembrar, que essa compulsão sexual não é apenas geográfica. Ela faz parte da existência humana, como bem pesquisou o filósofo Michel Foucault(2001) em sua História da Sexualidade, quando constata a natureza sexual do homem ocidental, reconhecidamente um *sujeito de desejo* (p.11). Esse desejo, no Brasil, parece ter se materializado no impulso sexual estimulado por vários fatores. Um deles parece ser o clima tropical que convida os corpos nus e suados pelo sol do equador, à superexcitação corporal que resultou no cruzamento, sem pecados, de negros e brancos, escravos e senhores, todos deitados no chão, abatidos pelo desejo irrefreável de sexo, nos porões das senzalas e das alcovas das casas grandes. Resultou-se, então, um ambiente de país do “samba-sexo-suor-cerveja-carnaval”, conhecido no exterior e que traz levas de viajantes atrás desse turismo sexual. A falta de culpa de se ter desejo parece vir do fato de até aos padres que aqui chegaram para catequizar os gentios era permitido o concubinato, pois interessava à Coroa o povoamento rápido. Toda essa energia sexual de erotismo que emanava no Brasil colônia, prosseguiu pelo império até chegar à república e foi sintetizada por Freyre numa frase antológica: “a branca é para casar, a negra para trabalhar e a mulata para foder”. Como lembra Simão em

sua crônica de 10.09.04, dizendo que: “O orgulho do Brasil é o bundão”, numa alusão à anatomia predileta do brasileiro e uma gozação explícita ao seu jeito de ser. Ainda usando do erotismo, quase que metalingüisticamente, a escrita do Simão mostra a movimentação textual, criando um ritmo frenético e acelerado, num gesto de vai e vem ofegante, quase possível de sentir sua respiração, semelhante ao ato sexual com suas alegorias, seus textos e gestos ansiosos, obscenos e eróticos. Veja este: “tudo na Bahia é sensual e erótico, até comercial de escola de inglês, que sugere que duas línguas dão mais prazer do que uma.”(03.08.04). Simão extrai do cotidiano o material que vai ajudar na construção da imagem que se quer ter do país e que, por tabela, acaba construindo a imagem da nossa nação. Em outra crônica, de 13.11.04, ele diz que “outra amiga vai entregar a pistola do marido para um museu...”, num trocadilho infame da possível impotência do companheiro ao mesmo tempo incentivando a campanha do desarmamento. Suas crônicas folhetinescas de frases soltas e descompromissadas são altamente palatáveis ao gosto brasileiro de ser. São retalhos da grande colcha que Simão tenta costurar para retratar o imaginário do povo desta nação, cuja identidade passa pelo senso de humor que no dia a dia driblam nossos problemas e desejos. “Nóis sofre mas nóis goza” é uma expressão recorrente em suas crônicas e alude aos problemas ao mesmo que tempo comemora com prazer nossa capacidade de tirar de letra e sair por cima das mazelas sociais. A literatura e o humor parecem dar grande contribuição e podem constituir um meio de ajudar a refletir e ao mesmo tempo divertir. Essa artimanha ilustra um paradoxo da nossa cultura que mistura prazer e dor, diversão e sofrimento, luta e conquista.

Numa crônica, o Macaco anuncia: “teseu, é o deus do tesão, Zorba, é o deus da cueca, eu quero é sexo” (27.09.04), declara ele para leitores que podem achar que o Brasil não quer mesmo recusar sua origem de *cabaré* “onde todos entram e gozam como num imenso prostíbulo”. Essa análise foi tecida pela psicóloga Inês Lemos(2005), comentando o gosto exagerado por sexualizar tudo.

(14/09/04), como por exemplo, cria um momento prazeroso, brincando com os nomes de candidatos às “ereções 2004: Shana, Sônia Perereca, Zé Pinto”, etc. De maneira escachada, pergunta “quando vai começar o boquete de urna” e termina falando que “é mole mas sobe”, em alusões explícitas à mistura de sexo com outros assuntos, como política e crítica social. No dia 29/09/04, ele ironiza o mundo das artes, quando diz que uma bicha no Ceará tinha “uma casa de tolerância, um puteiro, e a polícia estourou e foram todos para a delegacia. Ao chamar a bicha, o delegado diz: E aí veado, vem cá. E a bicha : veado, não, artista plástico”. Ainda nessa mesma crônica, Simão relata que “o cantor Michel Jackson no dia de São Cosme e Damião, manda as crianças pegar o doce no meu saquinho”.

Condolezza Rice e o outro vai enfiar no fiofó da gente.” (21.11.04). Num mesmo enunciado, Simão mistura sexo, política exterior, religião e violência. Todos esses assuntos são diariamente vistos nas páginas dos jornais em que publica. Ditos por Simão, esses temas considerados gravíssimos são tratados de forma cômica. Simão fala brincando de assuntos sérios, alternando realidade e ficção, criando com o leitor uma parceria na construção do texto, na medida em que este compartilha suas experiências ao fazer suas interpretações. Outro escritor, Arnaldo Jabour, que também adora misturar política e sexo, parece compartilhar, assim como Simão, dos bem humorados que criticam nosso fracasso político pelo mesmo viés. Segundo esse escritor, como as ideologias dançaram, talvez só a sexualidade explique os rumos do mundo e, claro, no nosso grande *Motel Brasil* das ilusões perdidas. Diz ainda que o Bush é mal resolvido sexualmente, por isso promoveu a barbárie de invadir o Iraque, em seu livro *Amor é Prosa e Sexo é Poesia*. O fascínio que o brasileiro

tem pelo futebol também é assunto recorrente em seus textos. Associando esse assunto ao erotismo, Simão sugere uma dieta para o Ronaldinho, jogador da seleção brasileira de futebol: “...emagreça comendo a Cicarelli”(11.11.04). Muitas vezes, de forma não contextualizada, o macaco cita frases soltas como: “sabem o que é genitália? É perereca de companheira que mora na Itália” (06/09/04), corroborando a vocação do brasileiro de transformar tudo em farra, regado à cerveja, humor e sexo. Nesse *balaio de gato*, até a violência urbana entra de forma recorrente. É o caso dos seqüestros que se tornaram tão comuns no país, sendo ironizados pelos adesivos nos carros com os seguintes dizeres, comentados por Simão: “Não me seqüestrem, estou cheio de dívidas” e “alugo quarto para cativos”. A banalização desse crime também é comentada nas crônicas: “seqüestro é igual bunda, todo mundo tem”(10.09.04), para constatar que agora não são só os ricos são as vítimas preferenciais dos seqüestradores. Pobre também é seqüestrado por qualquer quantia no bolso.

Finalmente, é possível concluir que, inapelavelmente, a construção de toda e qualquer identidade de uma nação passa pelas imagens, retratos e discursos do seu povo. Cada vez mais, percebe-se o envolvimento do cronista José Simão com o espaço público, utilizando o jornal como um veículo para dialogar com seu leitor, despertando-o de maneira lúdica para uma posição crítica frente à condição da sociedade brasileira. A literatura, e aqui, os textos das crônicas permitem reflexões acerca de nossa identidade, na medida em que fala das questões sociais prementes como a discriminação, a violência, a desigualdade e outros assuntos do cotidiano. Segundo Benedict Anderson, a nação é formada por “comunidades imaginadas”. Uma comunidade marcada pela luta traduzida em seu cotidiano, permite (re)imaginar esta nação. Não se olha para o passado, não possuímos mais heróis, apenas personagens simples na luta pela sobrevivência. O caráter multi-identitário do brasileiro reforça esse lugar de busca incansável por um *espaço* no mundo capitalista. Dessa maneira, a relativização dos espaços, geográficos e culturais acentuam o hibridismo, borrando fronteiras, colocando em cheque as identidades. Segundo Canclini, (1997), “...hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas.”(p.166). As representações das culturas e das histórias dos brasileiros traduzem, sobretudo pelas contradições, o processo da construção híbrida da nossa sociedade. Uma sociedade formada, principalmente, por uma situação periférica situada nos grandes centros da globalização neoliberal. A literatura trabalha com o entrecruzamento de linguagens, tornando-se um espaço privilegiado de (des)construção e expressão de identidades. Cabe salientar que as identidades devem ser pensadas como uma dinâmica, que são percebidas dentro de um dado contexto, e em constante mudança. As crônicas refletem em sua construção a “Tessitura da nação”. Por essa razão, pode-se dizer que o texto das crônicas, evidenciando o texto social, torna-se narrativa identitária, permitindo ler como se articulam os discursos que delineiam o país. As histórias do cotidiano dos brasileiros se fazem metonímia da nação.

Abstract

José Simão's writing style is a good example of the Brazilian way of living. Unconsciously, it reveals the society values while criticys them. This reseach allows a reflection on the Brazilian identity poit by the

“Texture of the essays”. Considering the word “texture” as a means of structuring an essay where several thoughts are scrambled, a certain pattern can be found revealing the nation’s profile essays go through images that translate the multiple culture of the nation’s culture while registering different aspects of Brazilian people.

Keywords: Nation, identity, image, literature.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1997.
- FREIRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala- introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura e imaginário social*. In: *Revista do IV Congresso da ABRILIC - Literatura e diferença*, julho/1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. O Uso dos Prazeres. Edições Graal - 10ª edição- RJ-2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JABOR, Arnaldo. *Amor é prosa - Sexo é poesia: crônicas afetivas*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2004.

¹ Todas as citações das crônicas foram retiradas do “Jornal Estado de Minas”.